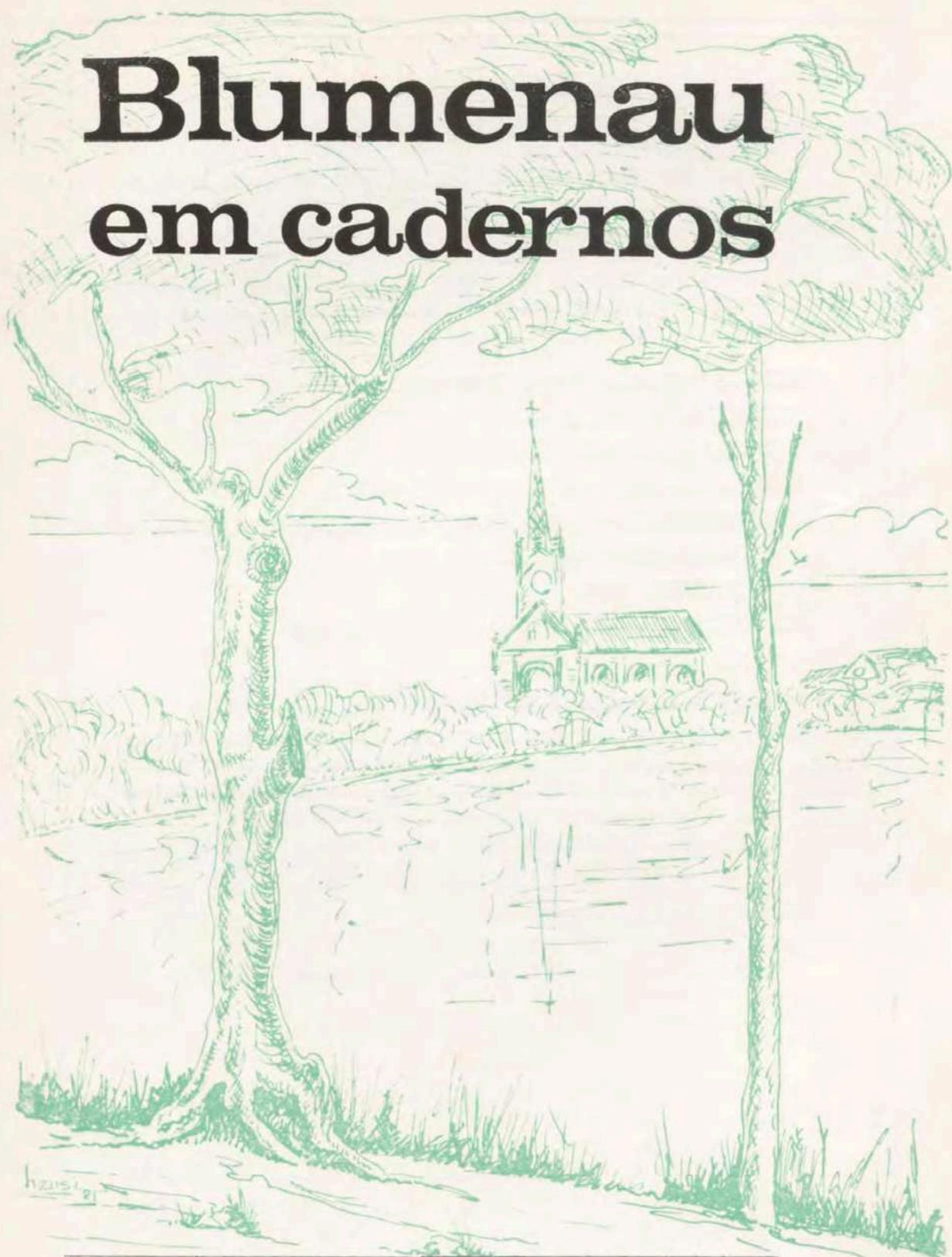


Blumenau em cadernos



TOMO XXVIII/6

Junho de 1987

Edição 366

ILUSTRAÇÃO
RUBENS
WEUSI - 81

A QUEM DEVEMOS A REGULARIDADE DESTAS EDIÇÕES

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", editora desta revista, torna público o agradecimento às empresas abaixo relacionadas que, visando garantir a permanente regularidade das edições de "Blumenau em Cadernos", tomaram a si o encargo financeiro na restauração total das nossas oficinas gráficas que haviam sido parcialmente destruídas nas enchentes de julho de 1983:

TEKA - TECELAGEM KUEHNRIK S.A.
COMPANHIA HERING
COMPANHIA TEXTIL KARSTEN
MAFISA — MALHARIA BLUMENAU S/A.
CREMER S/A. — PRODUTOS TÊXTEIS E CIRÚRGICOS
MAJU INDÚSTRIA TEXTIL LTDA.
SUL FABRIL S/A.
EMPRESA AUTO VIAÇÃO CATARINENSE
LOJAS HERING
COLABORADORES ESPONTANEOS

A Fundação "Casa Dr. Blumenau" agradece aos abaixo relacionados que, espontaneamente, contribuíram com recursos financeiros para garantir a estocagem de papel necessário à impressão desta revista durante o corrente ano:

CASA WILLY SIEVERT S.A. Comercial
TEKA - TECELAGEM KUEHNRIK S.A.
GRÁFICA 43 S.A. INDÚSTRIA E COMÉRCIO
DISTRIBUIDORA CATARINENSE DE TECIDOS S/A.
MOELLMANN COMERCIAL S.A.
TIPOGRAFIA E LIVRARIA BLUMENAUENSE S.A.
BUSCHLE & LEPPER S.A.
CIA. COMERCIAL SCHRADER
JOÃO FELIX HAUER
MADEIREIRA ODEBRECHT
LINDNER, HERWIG SHIMIZU - ARQUITETOS
MÓVEIS ROSSMARK S.A.
ARTUR FOUQUET
JOALHERIA E ÓTICA SCHWABE LTDA.
PAUL FRITZ KUEHNRIK
CASAS BUERGER

BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXVIII/6

Junho de 1987

Edição 366

SUMÁRIO

Página

| | |
|---|-----|
| A beleza do passado joaquinese vista com a sensibilidade romântica e artística de Susana Scoss Bianchini — J. Gonçalves | 170 |
| Congregação das Irmãs Catequistas Franciscanas — Irmã Ede Maria Valandro | 171 |
| Subsídios Históricos — Coord. e Tradução: Rosa Herkenhoff | 173 |
| Figuras do Passado - e seus falecimentos registrados no "Der Urwaldsbote" | 175 |
| Aconteceu... Maio de 1987 | 180 |
| Autores Catarinenses — Enéas Athanázio | 182 |
| Cinqüentenário de Rodeio — José E. Finardi | 185 |
| Relatório Trimestral do Arquivo Histórico "Prof. J. F. da Silva" | 187 |
| Histórico da cidade de São Joaquim e os costumes de seu povo — Maria Batista Nercolini | 189 |
| Homenagem póstuma ao Dr. Fritz Müller | 194 |
| Os Gonçalves Padilha e sua importância no povoamento catarinense — Antônio R. Nascimento | 196 |

BLUMENAU EM CADERNOS

Fundação de J. Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina
Propriedade da FUNDAÇÃO CASA DR. BLUMENAU

Diretor responsável: José Gonçalves - Reg. n.º 19

Assinatura por Tomo (12 números) Cz\$ 30,00 + 20,00 (porte) = 50,00

Número avulso Cz\$ 5,00 -- Atrasado Cz\$ 10,00

Ass. p/o exterior Cz\$ 100,00 mais o porte Cz\$ 20,00 total Cz\$ 120,00

Alameda Duque de Caxias, 64 - Caixa Postal, 425 - Fone: 22-1711

89.015 - B L U M E N A U - S A N T A C A T A R I N A - B R A S I L

A beleza do passado joaquinense vista com a sensibilidade romântica e artística de Susana Scóss Bianchini

J. Gonçalves

Sem dúvida alguma, uma das obras mais belas e que expressa todo o regionalismo de uma região linda e hospitaleira do nosso planalto, (São Joaquim), é o livro escrito com ternura e devotado amor à terra em que viveu os anos mais felizes de sua vida, peia notável historiadora e artista plástica Susana Scóss Bianchini.

Tivemos a felicidade de receber a oferta do livro desta aplaudida autora, intitulado "Recordando São Joaquim". O livro foi impresso na EDEME dentro de um padrão de bom gosto na escolha do material, assim como na beleza expressiva contida em suas ilustrações que não são nada menos que o riquíssimo acervo de obras plásticas da mesma autora.

Além de trazer em suas páginas o resumo riquíssimo da história de São Joaquim — os registros oficiais e documentário da trajetória do município desde a sua fundação, Susana ainda deu à sua obra o toque artístico de sua criatividade, apresentando a imagem viva de uma cidade que, aos poucos, mesmo mantendo todas as tradições que a fizeram crescer, foi se modernizando sem todavia deixar de preservar seus costumes, suas tradições.

O livro de Susana Scóss, que possui, desde a ilustração da capa a imagem joaquinense através dos tempos, mostrando suas paisagens agrestes, as nevadas, as casas primitivas, as ruas principais e outras paisagens mais que compõem um retrato perfeito de tudo o que existe de mais belo e tradicional, é uma obra que deve estar presente nas estantes de todos os filhos de São Joaquim. Não pode existir uma família joaquinense que não deva possuir este livro e dele inteirar-se das mais belas e emocionantes fases históricas de sua cidade.

Conhecer o livro de Susana Scóss é o mesmo que ver São Joaquim através dos tempos, tanto nas letras que o compõem, como, e principalmente, no visual notável das obras plásticas da autora, que mostra, como fotografias, os detalhes mais lindos e emocionantes até, da cidade que adotou como sua.

Com os nossos agradecimentos pela remessa do livro, queremos cumprimentar Susana Scóss Bianchini pelo seu trabalho, uma obra que, como dissemos, não poderá estar ausente nas estantes de todas as famílias joaquinenses e porque não dizer, de todo o Brasil.

TEKA É uma sigla que se impõe pelo conceito adquirido no ramo têxtil blumenauense. Seus produtos da mais alta qualidade, se destacam não só no mercado interno, como no internacional. Já é tradição os consumidores nacionais e internacionais ligarem o nome TEKA a produtos indústrias têxteis da mais alta qualidade.

Congregação das Irmãs Catequistas Franciscanas

RESUMO HISTÓRICO

Em 1913 e nos anos seguintes, as escolas do interior da paróquia de Rodeio, Estado de Santa Catarina-Brasil, começavam a sofrer a falta de professores. Por motivos diversos, um após outro, os antigos mestres devolviam ao pároco a direção das escolas paroquiais.

Diante da situação, Frei Polycarpo Schuen, OFM, pensou na possibilidade de confiar as escolas a algumas jovens que demonstravam aptidões para o ofício. Expôs o projeto a algumas delas pertencentes à Ordem Franciscana Secular e à Pia União das Filhas de Maria.

O apelo teve a resposta esperada. Primeiro **Amábile Avosani**, depois **Maria Avosani** e **Liduína Venturi**, apresentaram-se para atender à necessidade da paróquia. Feita a devida preparação, foram enviadas às comunidades de Aquidabã e São Virgílio, as quais ficaram servindo na qualidade de professoras, catequistas, sacristãs e animadoras do culto.

No dia 14 de janeiro de 1915, na igreja de São Virgílio, próximo a Rodeio, as três jovens, interrogadas por Frei Polycarpo, manifestaram a disposição de consagrarem-se ao Senhor, a serviço do povo, "para sempre".

A estas três logo se acrescentaram outras, todas animadas pelo mesmo ideal apostólico das primeiras. A casa, pequena e pobre, pertencente à comunidade e

anexa ou não à escola, era simples como a casa dos colonos. Como eles, depois de cumpridas as tarefas escolares, a oração comunitária e os serviços necessários à vida fraterna, dedicavam-se a trabalhos hortigranjeiros. Servindo às comunidades do interior e nelas inseridas, viviam, em múltiplos aspectos, a mesma vida do povo simples da região rural. Conservaram até mesmo as vestes civis, de modo que "em nada se distinguiam das demais moradoras do lugar." (1).

A Igreja fora, pois, enriquecida por um novo grupo de jovens apostólicas, de vida consagrada e comunitária, plenamente inseridas no meio rural, dedicadas à catequese e à educação das crianças e jovens e à formação religiosa do povo. "Todas são membros da Terceira Ordem do grande Patriarca Francisco de Assis, vivendo em castidade, pobreza e obediência, porém, não fazem votos, estando assim na possibilidade de entregar-se inteiramente à sua nobre vocação e missão." (2).

O bispo da diocese de Florianópolis, Dom Joaquim Domingues de Oliveira, logo no início tomou conhecimento da existência e da missão deste grupo e, consultado, pronunciou-se: "As professoras Terceiras vivendo em certa comunidade, chamam-se CATEQUISTAS e todas unidas formam a COMPANHIA DAS CATEQUISTAS" (3).

Esta foi a nossa origem. A forma de nosso surgimento na Igreja. Com o apoio do bispo, com a orientação do pároco e da Irmã Clemência Beninca, da Congregação da Divina Providência, crescemos em número de pessoas

e estendemos nossa presença e missão na então extensa paróquia de Rodeio e em regiões vizinhas.

Com a saída de Frei Polycarpo em 1926 e sob a direção e influência do novo pároco, Frei Bruno Linden, no fim de 1929 adotamos o hábito religioso. Por esta mesma época tivemos também a primeira superiora própria, **Maria Avosani**.

Em 1931, Dom Pio de Freitas, bispo da nova diocese de Joinville, informou a Congregação dos Religiosos de nossa existência. Devidamente autorizado, erigiu a Companhia na condição canônica de **sociedade de vida comum sem votos**. Passamos, então, a viver os conselhos evangélicos sob o vínculo das promessas.

Nos anos trinta, o poder civil assumiu as escolas paroquiais. Satisfeitas as condições de habilitação específica, nos tornamos professoras de escolas públicas, ao mesmo tempo que continuava nosso empenho pela formação cristã, sobretudo através do "ensino do catecismo".

A Companhia se desenvolveu e nós ultrapassamos os limites do Estado de Santa Catarina. No início de 1947 assumimos de forma explícita e corajosa o serviço missionário em terras do Estado do Mato Grosso, ao mesmo tempo em que intensificávamos nossa presença e ação no Sul do país onde, por razões diversas, concentramos nossas forças.

Aos poucos, iniciou-se um processo para dar à Companhia estatuto de congregação, no sentido canônico do termo. Em 1958, a agora já chamada **CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS CATEQUISTAS FRANCISCANAS** foi

agregada à Primeira Ordem (OFM) e, em 17 de fevereiro de 1964, foi erigida em congregação religiosa, conservando-se, todavia, de direito diocesano. Desde então, emitimos votos públicos.

Nos anos de 1967 e 1968, tendo transferido a Sede Geral para Joinville e, para melhor dinamizar a vida, a congregação foi dividida em quatro províncias, assumindo cada uma delas projetos de expansão no Estado da Bahia e Maranhão. Em 1969 fomos a Rondônia. Posteriormente a congregação enviou suas irmãs aos estados de São Paulo, capital e interior, Rio de Janeiro, Piauí, Alagoas, Goiás. Estamos também no Rio Grande do Sul e Paraná.

A partir dos últimos anos da década de sessenta, consequência do Concílio Vaticano II e das exigências da época, a congregação fez uma grande atualização. Estudamos sua história e carisma. Aprofundamos nossa formação religiosa, franciscana e cultural. Buscamos maior autenticidade e coerência de vida evangélica. Renovamos nosso modo de ser no foro interno. Ampliamos e redimensionamos nossas áreas de atuação, tudo com o objetivo de dar adequada resposta aos apelos do Concílio, de Medellín e, posteriormente, de Puebla.

Em junho de 1983, o primeiro grupo de irmãs levou a presença missionária da congregação à África, ao país de Angola, seguido, em 1985, por novo grupo. Em 1984 fomos à República Argentina.

Fiéis à nossa origem, a nossa tradição e às diretrizes da ação pastoral da Igreja, empenhamos no aprofundamento e vivência do nosso carisma e na conti-

nua renovação do ideal que nos foi proposto pelo fundador e legado pelas irmãs que nos precederam:

“VIVER E ANUNCIAR O EVANGELHO,

- em pequenas fraternidades inseridas entre os pobres,
- como menores,
- em simplicidade, disponibili-

dade, alegria e no trabalho, — pelo serviço de catequese e da educação libertadora.”

1. Carta de D. Carlos E. B. de Mello em 1965.
2. Crônica, ano de 1915, L. 8., N.º 01, Fl. 01.
3. *Ib.*, Fls. 06v.
4. Cf. Decreto de ereção canônica.

(Condensado por Irmã Ede Maria Valandro)

Subsídios Históricos

Coordenação e Tradução: Rosa Herkenhoff

Excertos do “Kolonie-Zeitung” (Jornal da Colônia), publicado na Colônia Dona Francisca, a partir de 20 de dezembro de 1862:

Notícia de 21 de outubro de 1865:

Blumenau, 5 de outubro. (Do correspondente blumenauense Pastor Oswald Hesse) — Acabamos de viver horas emocionantes, que marcarão profundamente toda a vida de nossa Colônia. Deixaram-nos, há pouco, 56 dos nossos concidadãos, que acorrem ao campo de batalha e da honra, como voluntários à proteção da nova Pátria. — Assim que surgiu a primeira notícia sobre a intenção do Presidente da Província, de criar um batalhão de voluntários, sob as ordens de oficiais alemães, a nossa direção da Colônia se apressou em fazê-la chegar ao conhecimento de todos, por meio de um apelo caloroso e vibrante. As matrículas aumentaram, num crescente entusiasmo, ficavam contentes, os que recebiam um “sim”, e tristes, quando a idade era insuficiente ou então muito avançada ou ainda quando, por motivos de saúde, eram recusados.

A escolha do chefe recaiu sobre o antigo oficial prussiano sr. engenheiro Odebrecht. E assim, em pouco tempo, se atingiu o número de 56 homens e o dia de hoje foi designado para a partida. Às 7 da manhã, o clarim deu o toque de chamada. Dentro de pouco tempo, os voluntários se reuniram — o que não era de esperar da parte de muitos, pois haviam comemorado alegremente durante toda a noite — formando, com raras exceções, uma valorosa e selecionada corporação. Enfileirados, ouviram as palavras graves e transcendentais do atual diretor da Colônia, sr. H. Wendeburg, pormenorizando os seus novos deveres assumidos e em seguida os confiou ao sr. Odebrecht, como seu novo Comandante. Este então nomeou 5 graduados entre os mais experimentados e ordenou a um deles, trazer a bandeira

ra com a sua turma. A bandeira, que ostentava as cores do Brasil, e que mãos femininas haviam ornamentado com um laço preto-vermelho-ouro (com a inscrição em ouro: "COLÔNIA BLUMENAU, 5 DE OUTUBRO 1865"), foi carregada com as cerimônias de praxe e levada à frente do contingente. — Cada vez mais solene tornou-se o ambiente, centenas de pessoas rodeavam em massa compacta os voluntários, e já se viam, aqui e acolá, cenas enternecedoras de despedida. Como a esse ato solene não podia faltar a bênção religiosa, o Pastor protestante, Oswald Hesse, concedeu a bênção com palavras breves e solenes, aos que partiam, enquanto todos, como a um só comando se descobriram. Em seguida os voluntários em fileira, marcharam ao som da banda de música e de bandeira desfaldada, até a serraria, a uns 100 passos de distância, acompanhados de quase toda a multidão. Antes de embarcarem nos diversos botes, o sr. Wendeburg deu vivas ao Imperador, ao Brasil e aos voluntários, vivas estes acompanhados por todos e terminados em estrondosos hurras. É de se ressaltar a exemplar ordem reinante, a verdadeira distinção, que toda a assistência revelou durante a cerimônia. O dia de hoje será inesquecível. Oxalá seja ele para sempre um dia de glória para os nossos irmãos que partem, para a nossa Colônia e para todos os alemães!

Blumenau, 9 de outubro. — Hoje o informante precisa invocar o auxílio de todas as nove musas, para estar mais ou menos em condições de relatar de maneira condizente, o entusiasmo, a alegria e o delírio com que foram recebidos os nossos voluntários por brasileiros e alemães, na Vila de Itajaí. Pelas notícias aqui chegadas, as autoridades os saudaram, o Cap. Flores os ornou com laços nas cores do Brasil os navios ancorados no porto içaram as bandeiras, mais de cem Milréis de foguetes foram para os ares. E a comida, e a bebida! Em tais circunstâncias, os três dias prefixados para a marcha, não serão suficientes! — Roh.

Nota da Tradutora: A 5 de outubro de 1965, por ocasião do centenário do embarque dos voluntários blumenauenses, foi inaugurado um monumento em sua homenagem, em Blumenau.

A coleção completa do "Kolonie-Zeitung" faz parte do acervo do Arquivo Histórico de Joinville.

O "BALLET" EM BLUMENAU

Sob este título, publicamos, na última edição desta revista, maio, um artigo, trabalho de pesquisa, cuja autora estendeu-se a críticas pessoais que não se coadunam com os princípios que regem a orientação desta revista, deixada pelo saudoso prof. José Ferreira da Silva, seu fundador. Diante disso, cabe-nos lamentar o fato, apresentando escusas às pessoas atingidas, com a certeza de que tais atitudes jamais se repetirão, porque haveremos de redobrar nossa vigilância em torno de matéria que chegar às nossas mãos.

O editor

Figuras do passado - e seus felecimentos registrados no "Der Urwaldsbote"

(Terça-feira, 04 de janeiro de 1938)

THEODOR LÜDERS — ALGUMAS PALAVRAS EM MEMÓRIA

Faleceu a 2 de janeiro de 1938, o Sr. Theodor Lüders com 87 anos de idade. O mesmo foi por muitos anos intimamente ligado à crônica da cidade de Blumenau.

Como o fundador, Theodor Lüders nasceu em Braunschweig, no cantão de Schoeppenstedt em 1851. Lá mesmo frequentou a escola e fez seus estudos, abraçando a carreira de comerciante. O propósito de vir ao Brasil ele tomou em 1879, e isto porque o Pastor daquela região chamou a atenção de sua comunidade para a colonização iniciada por Dr. Blumenau às margens do Itajaí. No mesmo ano ainda, Theodor Lüders chegou a Blumenau e bem variada foi a sua vida aqui. Ele chegou numa época em que os homens de comércio da colônia decidiram-se pela exportação de seus produtos agrícolas aos grandes centros do país, melhor dizendo Santos e Rio de Janeiro.

Para este fim Theodor Lüders adquiriu uma casa comercial no Salto; mais tarde continuou na fábrica de conservas Meyser & Stierling. Em 1881 casou com a filha mais idosa do Sr. Otto Stutzer, a Srta. Elise. Tiveram 6 filhos e uma filha adotiva. A Sra. Lüders faleceu em 1919. Theodor Lüders levou uma vida de viajante. Assim, em 1888, foi à Argentina, para conhecer as fazendas de lá. Foi também nesta viagem que sofreu um de-

sastre de trem que lhe custou o braço direito. Aprendeu a escrever com a mão esquerda e ocupou, depois de seu regresso ao Brasil, um cargo administrativo na ferrovia São Paulo-Campinas. De volta a Blumenau, em 1899, arrendou o Hotel Schreep e mais tarde dirigiu a Firma Rud. Altenburg e transferiu-se para Timbó. Voltou para Blumenau em 1912, quando então dedicou-se apenas a estudos da antiga Blumenau, trabalhos estatísticos e estudos locais. Suas capacidades foram também aproveitadas pela câmara local, onde organizou grandes exposições e completou o arquivo com preciosos documentos. Nenhum estranho que passase por Blumenau e quisesse conhecer um pouco mais da fundação da cidade, deixava de procurá-lo. A sua filha Ella Lüders, permaneceu todos estes anos junto ao pai, sendo-lhe uma fiel assistente e também enfermeira. Viu o Sr. Lüders ainda, coroados seus esforços ao ver fundado o Instituto Histórico e Cultural do Vale do Itajaí. Assim foi e será resguardado o precioso arquivo que foi a mola mestra de sua vida. Também nos aliamos a este Instituto porque agora abriram-se as portas para trabalhar intensivamente este precioso material e que será com certeza, para o futuro, a mais segura e mais certa fonte de informações históricas sobre o capítulo de colonização alemã em terras brasileiras.

Familiares: Johanna Altenburg e filhos; Otto Lüders e família; Mimi Lüders; Ella Lüders; Eduard Lüders e família; Oskar Persuhn e família; Friedl Liesegang e Raul Liesegang."

E. A. V. CATARINENSE Acha-se integrada na história do pioneirismo dos transportes coletivos em SC

(Sexta-feira, 17 de setembro de 1937)

REINHOLD SALLENTIEN

No dia 29 de julho faleceu em Braunschweig, Alemanha, o idoso Sr. Reinhold Sallentien (sua esposa faleceu 5 meses antes).

O pai do falecido Sr. Franz Sallentien Sênior, fazia parte dos jovens que vieram com Dr. Blumenau em 1850. Casou em 1852 com a imigrante Johanna Osterland e fundou em Barra do Rio (Itajai) uma casa comercial. Mais tarde ele voltou com sua família novamente para a Alemanha. Os dois filhos Franz e Reinhold porém, sentiram-se atraídos por sua terra natal, Brasil e foram por muitos anos sócios da Firma Ernesto Vahl & Cia. em Florianópolis. Dois irmãos mais velhos do falecido Reinhold Sallentien ainda vivem, o Sr. Franz Sallentien em São Paulo e a viúva de um pastor a Sra. Luise Drews em Berlim, ela era a única filha de Franz Sallentien Sênior.

—o—o—

(Terça-feira, 04 de junho de 1940)

O Sr. Heinz Sallentien de São Paulo comunica a morte de seu pai Franz Sallentien em 25 de maio do corrente ano com 83 anos de idade. Franz Sallentien era filho de Franz Sallentien Sênior, um dos 17 homens vindos com Dr. Blumenau, mais tarde comerciante em Barra do Rio em Itajai. Franz Sallentien falecido em 1940 deixa filho: Heinz e Gertrud Sallentien e filhos (residentes em São Paulo); Ruth Stellbagen, nata Sallentien e filhos (residentes em Schlossklamm, Tirol; Wilhelm Stellbagen neto e engenheiro (residente no Cairo — Egito).

—o—o—

(Terça-feira, 05 de outubro de 1937)

MAX GROTHE

Mesmo tarde, chegou às nossas mãos a notícia do falecimento do Sr.

Max Grothe, nascido em Thüringen, Alemanha, onde seu pai era escrivão. Em Eisleben fez seus estudos de engenharia e trabalhou alguns anos com a Empresa Siemens-Schuckert em Berlim. Emigrou para o Brasil, naturalizou-se e por 37 anos dedicou seu trabalho ao Brasil. Assim foi o mesmo, dirigente técnico da primeira usina elétrica, perto de Gaspar, que ele construiu, contratado pelo Sr. Fritz Busch. Mais tarde ele fez a montagem da Usina do Salto. Depois foi para o planalto, onde foi considerado um excelente agrimensor. O Sr. Max Grothe faleceu na cidade de Curitiba.

—o—o—

(Sexta-feira, 13 de agosto de 1937)

ALFRED HERING

Em plena época de prosperidade, faleceu ontem o Sr. Alfred Hering, com 42 anos, proprietário da Fábrica de Gaitas Alfred Hering.

Freqüentou aqui a escola, sendo filho mais moço de Paul Hering. Cedo sentiu vocação para a técnica. Se o mundo não tivesse sido sacudido por tantas crises, bem cedo seu sonho seria realizado, mas assim teve que enfrentar uma árdua luta e como consequência viu seu sistema nervoso abalado. Ainda no ano passado viajou com sua esposa para a Alemanha a fim de trazer novidades para sua fábrica que agora estava prosperando. No entanto, já nesta viagem, deu sinais visíveis da doença que o atacava. Há poucas semanas, no entanto, seu estado de saúde agravou-se e certa manhã perdeu-se nas águas do rio, onde fora banhar-se e foi vítima de um acidente. Deixa esposa Alice Hering, nata Husadel e filhos. A morte ocorreu em 12 de agosto de 1937.

—o—o—

(Terça-feira, 8 de novembro de 1938)

ELLA FEDDERSEN

Faleceu no dia 6 de novembro a esposa do Sr. Christian Feddersen, a

Sra. Ella Feddersen, nata Guthe, com 77 anos de idade.

—o—o—

(Sexta-feira, 25 de novembro de 1938)

CORONEL PEREIRA E OLIVEIRA

Foi na primeira metade do ano de 1906. Ondas políticas elevaram-se também aqui em Blumenau e foi possível, apesar de grande luta e oposição, eleger o Sr. Alwin Schrader como prefeito. Com ele começou uma era tranqüila de desenvolvimento para Blumenau.

Na luta acima, o nome do Coronel Pereira e Oliveira não foi tão frequentemente mencionado, mas sua mão forte e decisiva foi por várias vezes, sentido por nós, como Presidente do Congresso Estadual. Como aconteceu a reviravolta, não nos recordamos com todos os pormenores. Mas certo dia aconteceu que o agora eleito como Governador do Estado, veio com sua comitiva a Blumenau para, por assim dizer, fazer as pazes com Blumenau. Nesta ocasião, o governador fez uma visita pessoal ao nosso redator o Sr. Eugen Fouquet, prometendo inclusive que procuraria dar todo seu apoio a Blumenau, o que também cumpriu.

Hoje, dia do falecimento do Coronel Pereira e Oliveira com a avançada idade de 90 anos, seria, também o desejo de Eugen Fouquet que lembrássemos o nome deste ilustre político, é o que aqui fazemos.

—o—o—

(Sexta-feira, 16 de dezembro de 1938)

WOLFGANG AMMON

Dados biográficos de nosso auxiliar em artigos diversos e recentemente falecido.

Nascido a 3 de março de 1869 em

Ebersfeld, Alemanha, estudou em Breslau, Sagan e Kaiserlautern. Em novembro de 1880, emigrou para o Brasil e dedicou-se ao comércio do mate em Campo Alegre. Foi Juiz de Paz desta comarca e mais tarde eleito Presidente da Câmara. Em 1910, iniciou um negócio de importação em Joinville, onde foi co-fundador da Associação Feminina. Também ajudou a fundar a Sociedade Brasileira de Cultura Germânica no Rio de Janeiro. Depois que se transferiu para São Bento, motivado por uma doença cardíaca, dedicou-se a escrever e foi um grande contribuidor de artigos sobre a colonização passada. Muitos artigos foram publicados nos mais diversos jornais e revistas.

Em 1880, recebeu o diploma da Cruz Vermelha, criado pelo Marechal Hindenburg e em 1930, a medalha de Honra da Cruz Vermelha.

Faleceu a 8 de dezembro de 1938 em São Bento.

—o—o—

(Sexta-feira, 05 de julho de 1940)

DR. ADOLF ALFRED GOELDNER

No dia 26 de junho do corrente ano, faleceu em Florianópolis um personagem muito conhecido na nossa vida pública, o chefe distrital do telégrafo, Sr. Dr. Alfred Goeldner e é uma obrigação do "Urwaldsbote" prestar-lhe aqui homenagem.

Dr. Goeldner nasceu a 29 de maio de 1838 em Desterro (atual Florianópolis). Seu pai, Sr. Hermann Hugo Max Goeldner era proprietário de uma casa de fazendas e era natural de Gross-Suerchen, Schlesien, Alemanha. Sua mãe Luise Henriette, nata Thom-

KARSTEN Mais de cem anos conceituando a indústria têxtil blumenauense e gerando divisas para o país pela volumosa exportação de produtos da mais alta qualidade.

seu era de Friedrichsstadt Schleswig-Holstein, Alemanha.

Depois de ter cursado a escola, o Sr. Goeldner primeiro auxiliou o pai no comércio, mais tarde cursou a escola de engenharia no Rio e esteve trabalhando na ferrovia no Estado do Amazonas. Depois veio para Santa Catarina onde chegou a diretor nas construções das repartições públicas. Então entrou para o serviço telegráfico, sob a direção do Barão de Capanema, que muito fez pela distribuição da rede telegráfica. Dr. Goeldner subiu até o cargo de Chefe de Distrito em Santa Catarina, Florianópolis. Deixa esposa, um filho e três filhas.

—o—o—

(Sexta-feira, 9 de fevereiro de 1940)

PROFESSOR ADOLF FUHRMANN

Ontem recebemos a notícia do falecimento do Professor Adof Fuhrmann com 67 anos de idade. O mesmo faleceu em Jeseritz, Calvoerde Braunschweig, Alemanha.

O Professor Fuhrmann, além de ter sido por muitos anos, professor na escola de Benedito Novo, também foi colaborador do jornal "Urwaldsbote". Homem de caráter impecável e responsável, fará muita falta à nossa comunidade.

—o—o—

(Sexta-feira, 27 de junho de 1941)

SRTA. AUGUSTE POETHIG

Terça-feira passada faleceu a Srt. Auguste Poethig com 76 anos de idade e irmã do Sr. Adolf Poethig.

Nascida na Província de Brandenburg, Sorau, Alemanha, Auguste Poethig foi em sua terra, por muitos anos, professora num instituto para deficientes físicos (surdos-mudos). Os últimos 20 anos viveu em companhia de seu

irmão em nossa cidade e pertenceu à diretoria da igreja evangélica.

—o—o—

(Sexta-feira, 30 de agosto de 1940)

ERNESTINE SIEVERS

Recebemos estes dias os seguintes comunicados: "Faleceu há poucos dias a Sra. Ernestine Sievers, nata Zoelfeld, que nasceu em 24 de novembro de 1852 em Rengersdorf, Martlissa-Niederschlesien, Alemanha. Com o veleiro "Laura", veio de Hamburgo em agosto de 1868 para Itajai. Do rancho dos imigrantes foi direto para a casa do Dr. Blumenau como doméstica, onde permaneceu por dois anos. Em 13 de agosto de 1874, casou com o Sr. Marcus Sievers, residente no Scheltersbach. Por 56 anos estiveram casados. Então a Sra. Ernestine encontrou abrigo na casa da Família August Elase em Carijós, Indaial, onde veio a falecer há 8 dias atrás.

—o—o—

(Sexta-feira, 30 de agosto de 1940)

CARLOS BAASCH

O Sr. Carlos Baasch, falecido a 26 de agosto deste ano, nasceu em 19 de fevereiro de 1872 em Capivary. Com 21 anos veio para Palhoça, naquela época a central para todos os produtos coloniais ao longo do Estreito e estrada de Lages, assim também Theresópolis, Rancho Queimado, S. Isabel e Taquaras. Os produtos eram transportados por lanchas até a capital e nesta atividade estava ocupado o Sr. Baasch. Com a inauguração da Ponte Hercílio Luz, Palhoça também perdeu seu grande significado. Mais tarde o Sr. Baasch possuiu uma fábrica de banha em Palhoça. Deixa um filho e 4 filhas.

—o—o—

(Sexta-feira, 6 de dezembro de 1940)

SOPHIE KROHBERGER

Poucos dias antes de completar

seus 81 anos de idade, faleceu terça-feira a mais antiga moradora de Blumenau, a Srta. Sophie Krohberger. Nasceu há 80 anos passados na Krohberger Tiefe no Garcia. A mãe faleceu com seu nascimento e cerca de seis anos mais tarde, morreu o pai, Sr. Josef Krohberger, que possuía então na Ponta Aguda uma propriedade. O Sr. Krohberger morreu afogado no Rio Itajaí-Açu e Sophie foi criada pelos parentes em especial pelo tio Sr. Heinrich Krohberger.

—o—o—

(Sexta-feira, 13 de dezembro de 1940)

PETER PRIEM

Faleceu um homem da velha guarda, o Sr. Peter Priem. Seus pais foram alguns dos primeiros imigrantes que se estabeleceram em São Pedro de Alcântara em 1828. Vieram da região do Reno, na Alemanha e trouxeram todos os bons predicados para aqui progredirem. Como São Pedro de Alcântara não oferecesse no futuro o tão esperado e desejado progresso, o Sr. Peter Priem também deixou

aquele lugar e veio para Blumenau. Aqui viveu por 46 anos na Ponta Aguda.

Como naquele tempo, os socorros médicos ainda eram precários, Peter Priem encontrou seu meio de vida como curandeiro de fraturas e no tratamento de feridas. Mas quando começaram a surgir em Blumenau os bons hospitais, ele seguiu para Canoinhas. Mais tarde veio morar em Jaraguá do Sul, onde também faleceu com 84 anos de idade.

Nós pessoalmente conhecemos Peter Priem e sempre guardamos na lembrança como homem correto e cumpridor de seus deveres."

—o—o—

(Terça-feira, 18 de abril de 1938.

"Blumenauer-Zeitung")

PASTOR R. HEINRICH RUNTE

Notícia vinda da Alemanha, que faleceu em Hiddesen, Detmold, Alemanha, com 81 anos de idade, o Pastor R. Heinrich Runte que foi há anos passados pastor da Igreja de Badenfurt.

Doação de livros

É sempre grato, para nós, poder registrar a doação de livros à nossa Biblioteca. Isto porque, não tem sido fácil, com os poucos recursos de que dispomos, manter nossas estantes em dia e poder atender assim aos anseios de nossos inúmeros leitores usuários que fazem os empréstimos para leitura em casa.

Face a isto, registramos com satisfação, a doação recebida no mês de maio, de 190 livros do mais alto valor e interesse para leitura contemporânea, feita pelo sr. Rubens Steierlein, residente em Blumenau e aqui nascido.

Esperamos que outros doadores tragam suas obras para as estantes da nossa Biblioteca, cujo objetivo primordial é o de incentivar as gerações atuais e futuras à leitura, porque, como alguém já disse: "o livro é o alimento do espírito". Nossos agradecimentos ao sr. Rubens pela valiosa doação.

CREMER Produtos têxteis e cirúrgicos. Conserva através dos anos o conceito de qualidade superior no que fabrica, garantindo com isso um permanente mercado absorvente nas Américas e noutros continentes, levando em suas etiquetas o nome de Blumenau.

— DIA 1.º — Com a participação de cerca de 100 aeromodelistas, foi aberto o II Festival Sul Brasileiro de Aeromodelismo, promovido pelo Aero Clube de Blumenau e realizado no aeroporto "Quero-Quero", com a presença, durante os três dias de competição, de milhares de pessoas. Foram dias festivos e de muitas emoções para os que lá compareceram.

* *

— DIA 4 — Foi iniciado, pela Escola de Auxiliar de Enfermagem, o curso de Puericultura, visando com isso, qualificar melhor os participantes, no atendimento e cuidados com crianças. A Escola de Enfermagem é mantida pela Prefeitura Municipal de Blumenau.

* *

— DIA 5 — Segundo relatório elaborado pelo Serviço Municipal de Trânsito, o mês de abril foi o mais violento para o trânsito de Blumenau. Foram registrados 333 acidentes com 5 mortes. Diz ainda que já nos primeiros quatro meses do ano, aconteceram 1.182 acidentes em Blumenau, sendo que o número de mortes, nestes quatro meses, foi de onze.

* *

— DIA 6 — 352 jovens dispensados do serviço militar por excesso de contingente, prestaram, no pavilhão "A" da Proeb, o juramento à Bandeira, na presença do Cel. Carlos Leandro Figueiredo Silveiro e do Prefeito Dalto dos Reis. Os jovens receberam, na ocasião, o certificado de Dispensa da Corporação.

* *

— DIA 9 — Uma palestra sobre a experiência da Assessoria Especial do Meio Ambiente, de Blumenau, proferida pelo titular, Lauro Eduardo Bacca, repercutiu muito favoravelmente entre os participantes do Curso Sobre Controle da Poluição em Atividades Mineradoras, realizado em Manaus.

* *

— DIA 13 — Foi encerrada a Coletiva da BLUAP, promovida pela Associação dos Artistas Plásticos de Blumenau, na Galeria Municipal de Artes. Os resultados foram excelentes e o público deu acentuado prestígio.

* *

— DIA 13 — Um violento vendaval que assolou parte da cidade de São Joaquim, causou a morte de oito pessoas, setenta feridos e mais de mil desabrigados.

* *

— DIA 14 — O prefeito Dalto dos Reis desencadeou uma cam-

panha de largas proporções em Blumenau, visando conseguir ajuda aos flagelados de São Joaquim, vítimas do terrível vendaval que destruiu parte da cidade e arredores.

* *

— DIA 15 — Foi aberta, com solenidade, a 4.^a Feira Estadual e a 8.^a Regional do Gado Leiteiro do Vale do Itajaí, no Parque de Exposições da PROEB. Foram inscritos mais de 150 animais. Vários municípios da região, fizeram-se representar no evento, que foi patrocinado pela Prefeitura Municipal de Blumenau.

* *

— DIA 15 — Em solenidade realizada no recinto da Câmara de Vereadores de Blumenau, o médico Fernando Vianna, secretário de Saúde e Bem-Estar Social da prefeitura, assumiu a presidência da Associação dos Secretários e Servidores de Saúde de Santa Catarina.

* *

— DIA 19 — Como resultado da 4.^a Feira Regional e a 8.^a Estadual do Gado Leiteiro, o criador Wilfried Glassenapp, de Pomerode, conquistou, com seu gado, os primeiros cinco lugares, com a raça Holandesa.

* *

— DIA 19 — Na Galeria Municipal de Artes de Blumenau, foi aberta, em concorrida solenidade, às 20 horas, a PANARTE, do Programa Catarinense de Arte.

* *

— DIA 20 — Expressiva solenidade, com coquetel, registrou a abertura da exposição de pintura da conceituada artista plástica Magdalena Zawadzka. O acontecimento teve lugar na FURB, onde seus trabalhos foram expostos.

* *

— DIA 22 — Tendo por local a Concha Acústica localizada na prainha da Ponta Aguda, o Departamento de Cultura da Prefeitura de Blumenau promoveu uma extensa programação alusiva ao 1.^o aniversário da inauguração daquele palco ao ar livre. A abertura da festividade, foi com o show "Blumenália", às 19 horas, com a participação de oito bandas de música.

* *

— DIA 30 — Visando preservar as águas do ribeirão Bom Retiro de poluição, a Cia. Hering inaugurou um novo e moderno sistema de tratamento de efluentes líquidos. Além de outras vantagens favoráveis à purificação da água servida, o equipamento reduz a carga orgânica em 65% do total inicial. A iniciativa daquela empresa causou, na comunidade, a mais agradável e favorável repercussão.

MAFISA Uma etiqueta facilmente encontrada em todo o comércio brasileiro. O aprimoramento constante do que produz, tornou MAFISA tão obrigatório o uso dos seus produtos quanto o desejo dos brasileiros de conhecer Blumenau e seu povo.

AUTORES CATARINENSES

Enéas Athanázio

“Elogio indiscriminado é falta de respeito para quem de fato merece elogio.”

(Gilberto Amado)

As narrativas de guerra, reais ou fictícias, tem público cativo. Alguns romances do gênero ganharam renome universal, viraram filmes e foram vertidos para inúmeros idiomas. Exemplos bem marcantes, entre tantos outros que poderiam ser lembrados, são “Adãus às armas” e “Por quem os sinos dobram”, em que Ernest Hemingway alia ao seu enorme poder criador as lembranças da célebre Guerra Civil Espanhola. E por incontáveis que sejam os títulos dessas obras, o filão parece inesgotável e surgem com frequência novas trilhando esses caminhos.

Aqui mesmo, entre nós, surgiu um livro desse gênero que encantou os aficionados desse tipo de histórias. Refiro-me às “Anotações do front italiano”, de Ferdinando Piske, publicado por FCC Edições, em 1984, e que deverá ser lançado muito breve em nova edição. Nascido em Timbó, tendo exercido as profissões paralelas de militar e jornalista, o autor serviu durante todo um ano nos campos de batalha italianos, como integrante da Força Expedicionária Brasileira, período em que colheu as impressões e registrou os fatos que narra neste livro.

Alertando desde o início que se despe de quaisquer pretensões literárias, sem preocupações estilísticas ou refinamentos de linguagem, quer o narrador transmitir com clareza e simplicidade tudo que viu, sentiu e sofreu durante os dias longos e trágicos que viveu, envolvido nos atos da II Guerra Mundial. E com esse intento, ao longo de mais de duzentas páginas, vai rememorando com detalhes e precisão tudo que aconteceu desde sua despedida até o retorno ao lar, com o peito invadido pelos sentimentos mais contraditórios, oscilantes entre a exultação da chegada e a amargura pela perda dos companheiros que não voltaram.

“Trata-se — diz o autor, resenhando seu trabalho — da história de um pelotão de fuzileiros da Força Expedicionária Brasileira, do dia-a-dia de sua vivência no front, em terra estranha, as mazelas da guerra, o sacrifício, a degradação do homem naquele inferno onde valem quaisquer meios para matar, ferir, destruir, incendiar.”

Escrito com realismo, o livro é um importante depoimento sobre a hecatombe que marcou tão fundo a humanidade. Revela a coragem admirável de homens que acreditavam na sua luta, entre os quais o próprio autor, e que nela se atiraram com tenacidade em busca da vitória afinal alcançada à custa de tão duras penas. Há momen-

tos em que atinge nível de autêntico romance, desses captados diretamente da vida, e que Monteiro Lobato costumava dizer que são os melhores. A sinceridade do autor em seu propósito construiu uma obra de leitura interessante, que comove pelo sentimento, pela amargura de muitos episódios, pelas continuas demonstrações de fé e coragem de seus personagens reais. É mais um exemplo oferecido aos homens de que a paz deve ser buscada a qualquer custo. Mas que, infelizmente, eles nem sempre têm seguido.

Em declarações a um jornal da Capital, o Sr. Licurgo Costa, atual presidente da Academia Catarinense de Letras, afirmou que "a grande maioria dos pobres o é porque quer" e que descobriu certas **mordomias** dos miseráveis que eles não querem perder. "Por exemplo, não precisam se preocupar com taxas de luz, água, esgoto, terreno, construção de banheiros, etc." Tais teorias deverão sair no livro "As mordomias da pobreza", em fase de edição.

Julguei, de início, que fosse brincadeira. Mas uma nova leitura mostrou que não. Por inacreditável que seja, é o pensamento do ilustre acadêmico. É incrível que alguém, no limiar do novo século, possa fazer semelhantes afirmações. Mas é verdade.

Creio não estar enganado se imaginar que o Sr. Licurgo Costa, na juventude, foi seguidor do falecido presidente Washington Luís, para quem a questão social era um caso de polícia.

Numa palestra no hall da Reitoria da UFSC, o crítico e professor paulista Antônio Cândido, desviando-se do tema, — a Literatura Latino-Americana, — enveredou por um virulento ataque, indiscriminado e descabido, ao regionalismo literário, repetindo chavões decepcionantes e reveladores de imenso preconceito. Ao mesmo tempo em que desancava o regionalismo, reafirmava a importância dele na gênese do modernismo brasileiro (e também Latino-Americano). Sua visão dessa escola, para a minha surpresa, é a dos que a ligam exclusivamente à vida rural e aos coronéis, os chamados regionalistas típicos, estes sim, a meu ver, superados. Parece que o ilustre mestre não admite o casamento do regionalismo com outras tendências, como o surrealismo, o realismo fantástico, por exemplo, como vários autores têm feito. Nesse particular, aliás, os críticos em geral assumem uma postura curiosa: acusam o regionalismo de conservador e reacionário mas não aceitam qualquer tentativa de renovação. Como se o meio regional, com as estradas e os meios de comunicação, não pudesse sofrer alterações. Os críticos... bah!

"Guardião dos sete sons" é a mais recente sanfona publicada por Flávio José Cardozo e Silveira de Souza, sanfoneiros editores. Ela contém sete poemas do publicista catarinense Péricles Prade, ra-

BANCO DO ESTADO DE SÃO PAULO S. A.

Banespa

— Um dos colaboradores nas edições desta revista —

dicado em São Paulo, e autor de uma obra que vai se fazendo vasta, tanto na literatura como no direito. Destaco aqui, para aperitivo dos leitores, o poema n.º 1, eis que não têm títulos:

“Nem sempre o Capitão
aos piratas corresponde

O duelo na rocha
reparte o som mais simples

O diabo gosta
da maçã, se dentro
dela apodrece o inferno
como a polpa

Verônica limpou-se
e nada sobrou do rosto.”

— . . . — . . . — . . . —

O catarinense Argus Cirino, romancista e contista, tomou posse na Academia Sul-Matogrossense de Letras, em Campo Grande, onde atualmente reside. O evento aconteceu a 5 do corrente e o novo acadêmico foi saudado por Hildebrando Campestrini. Ao conterrâneo e amigo enviamos nossos parabéns.

— . . . — . . . — . . . —

Registro com prazer o recebimento da tese “A Colônia Príncipe Dom Pedro”, de autoria de Aloisius Carlos Lauth, focalizando um caso de política imigratória no Brasil Império, em edição bilingüe do Museu Arquidiocesano de Brusque (1987). É um trabalho sério e pesquisado, onde o autor revela grande conhecimento do tema e admirável empenho na busca de dados corretos e que permitam conclusões irretocáveis. O trabalho, pela sua importância, há de merecer um comentário específico em outra oportunidade.

— . . . — . . . — . . . —

Recebi também o alentado volume denominado “Risco de Unha”, em que Nelson Carvalho DI CÓRDOVA, natural de Lages, reúne estórias e histórias. São trabalhos densos, de texto compacto, onde predomina a forma dialogada e a que o autor denomina de contos. É um ficcionista que escreve com desenvoltura e que tem fôlego para os textos vastos, pois com meia dúzia de narrativas constrói um livro com mais de 400 páginas. Mas essas estórias são bem pensadas e construídas, repletas de imaginação e reflexões interessantes. Eis aí um escritor conterrâneo pouco conhecido entre nós. Sua obra foi publicada pela Colméia das Artes (Curitiba - 1983).

— . . . — . . . — . . . —

A Associação Profissional de Escritores de Santa Catarina (AESC), promoveu o lançamento do livro “Primeira ronda à margem da serpente & Canto ao Canto”, do poeta Renato Gonda, marcando o início do Projeto Intercâmbio, visando assegurar o lançamento de livros de autores catarinenses em outros Estados. O evento ocorreu a 4 de junho, na sede da AESC, no edifício da antiga Alfândega, em Florianópolis.

CINQUENTENÁRIO DE RODEIO

José E. Finardi

A propósito do decurso do Cinquentenário da elevação de RODEIO a Município, se nos parece oportuníssimo rememorar episódios históricos que precederam sua criação como Distrito administrativo de Blumenau. É que, por incrível que pareça, este Distrito foi criado duas vezes.

A primeira vez, pela Resolução n.º 108, de 8/8/1918 e a segunda pela Resolução n.º 120, de 14 de abril de 1919, do Conselho Municipal de Blumenau, o sétimo da circunscrição judiciária da Comarca de Blumenau.

A primeira vez, a criação do Distrito de Paz de Rodeio, ocorreu em 1918, conforme Ata de oito de agosto desse ano, nos seguintes termos:

“A pedido do cidadão Vice-Presidente o sr. Jacintho Gadotti, deliberou-se hoje sobre a criação de um Distrito de Paz no lugar denominado Rodeio, deste Município, fazendo-se a votação dando o resultado de cinco votos a favor e dois votos contra, ficando, assim, concedido a criação de um Distrito de Paz no lugar Rodeio, cujos limites se fixarão na próxima sessão. (as) Gacintho Gadotti, Adolfo Altemburg, Carlos Schroeder.”

Esta Resolução, no entanto, foi vetada pelo Conselho, conforme Ata de 28 de outubro do mesmo ano, nos seguintes termos:

“Pelo Sr. Presidente foi lido o veto da Resolução Nr. 108, do Conselho Municipal. Este, depois de largamente discutido, foi sustentado por cinco votos contra três e um em branco, ficando, assim, suspensa a criação do Distrito de Rodeio. Em seguida, foram lidas duas petições uma de moradores de Ascurra e arredores, outra de moradores de Aquidabam e arredores, e mais outra de moradores do lugar Timbó e arredores, pedindo cada um de per si a criação de Distrito de Paz. O Conselho declarou-se contra.”

A segunda criação do Distrito de Paz de Rodeio, ocorreu em 14 de abril de 1919, pela Resolução Nr. 120, dessa data, sancionada pelo Superintendente Paulo Zimmermann, em data de 16 de abril.

O evento se deve a fatores políticos que então dominavam em Blumenau. Nessa época era Superintendente Municipal, Alwin Schra-

SUL FABRIL Um nome que todo o Brasil conhece porque é etiqueta das mais afamadas confecções em malhas de qualidade inconfundível e que enriquece o conceito do parque industrial blumenauense.

der e já no fim do seu terceiro Mandato, com uma administração voltada quase que totalmente ao Distrito Sede, com integral desatendimento dos distritos e localidades do interior, descontentes com sua administração, resolveram os líderes destes, em data de 20 de maio de 1918, reunidos no salão de Júlio Paupitz, em Passo Manso, lançar a candidatura de Paulo Zimmermann, antigo Conselheiro Municipal, em oposição ao candidato situacionista Conselheiro Luiz Abry, que foi derrotado por 1.169 votos dados a Paulo Zimmermann e 671 votos dados ao candidato oficial.

Paulo Zimmermann, homem ativo, honesto e empreendedor, além de comerciante no interior, era ligado à tradicional família Jensen, de grande prestígio no Município, bem como a muitos moradores dos diversos distritos que na época compunham o grande Município de Blumenau, explicando-se daí sua retumbante vitória sobre o contendor oficial. Com Paulo Zimmermann o eleitorado blumenauense elegeu a maioria absoluta dos Conselheiros residentes no interior, reelegendo Jacintho Gadotti para o quadriênio janeiro de 1915 a janeiro de 1919.

Na primeira criação do Distrito, Jacintho Gadotti, aproveitando a ocasional ausência de diversos Conselheiros, assumiu a Presidência da Sessão e apresentou moção criando o distrito, que foi aprovada por cinco votos a favor e dois votos contra, ficando, assim criado o distrito, mediante a Resolução que tomou o n.º 108, a qual, como vimos, foi anulada na Sessão de 28 de outubro seguinte.

Assinaram a Resolução criando o Distrito de Rodeio, os seguintes Conselheiros: VICTOR KONDER, Presidente; JACINTHO GADOTTI, Vice-Presidente; FRANCISCO DE OLIVEIRA MARGARIDA - Secretário - Curt Hering - Fritz Lorenz - Luiz Isolani - Silvio Scoz - Henrique Porcino da Silva - Alexandre Trentini. A inauguração se deu a 7 de setembro de 1919.

JACINTHO GADOTTI foi, sem dúvida, o pioneiro que mais se destacou em Rodeio. Foi Conselheiro Municipal de Blumenau por quatro quadriênios, ou seja: de janeiro de 1911 a janeiro de 1923 — doze anos.

Nasceu em Civezzano, "paesello" de Trento, Itália, no dia 16 de maio de 1858. Veio a Rodeio com seus pais Leonardo e Catharina Gadotti, também naturais de Civezzano, com a idade de 17 anos, casando 3 anos depois de sua chegada, ou seja em data de 10 de fevereiro de 1878, com Barbara Sevegnani, natural de Albiano, Trento, Itália, então com 28 anos de idade, também natural de Albiano, filha de Antonio e Domenica Sevegnani.

Faleceu em 27 de abril de 1931, com a idade de 73 anos. Com ele e seus pais, vieram seus irmãos Luigi e Maria Gadotti. Luigi Gadotti, em 1.º de fevereiro de 1890, com 24 anos, casou com Maria Prada e Maria Gadotti, em 18 de setembro de 1889, com 20 anos, casou com Jacintho Fronza.

Fundação "Casa Dr. Blumenau"

ARQUIVO HISTÓRICO "PROF. JOSÉ FERREIRA DA SILVA"

RELATÓRIO TRIMESTRAL JAN/FEV/MAR - 1987

Ao concluir-se o primeiro trimestre de 1987, o Arquivo Histórico apresenta o relatório das atividades desenvolvidas e serviços prestados neste período.

A tarefa primordial do Arquivo refere-se à guarda e proteção dos documentos arquivísticos com arranjos de descrições que facilitem o acesso a este patrimônio público, de acordo com as necessidades da comunidade e pesquisadores.

1. **TRADUÇÕES:**

- 1.1 — Foram datilografadas traduções de oito cadernos e folhas avulsas de artigos que estão sendo mensalmente publicados na Revista "Blumenau em Cadernos". Estes artigos foram traduzidos dos periódicos "Blumenauer-Zeitung" e "Der Urwaldsbote", 1920 e 1938.
- 1.2 — "Das Munizip Blumenau" — vol. n.º 10 — Autoria de José Deeke — 1917.
Tradutora: Edith Sophia Eimer.

2. **ARQUIVÍSTICA:**

- 2.1 — Levantamento e Identificação do acervo recebido - Fundo Prefeitura Municipal - Dept.º de Cultura do Município - 1976/1985.
- 2.2 — Processamento Técnico do Conjunto Obras Públicas/série - Projetos Arquitetônicos - 1938 a 1946.

3. **DOCUMENTOS PARA GUARDA:**

- 3.1 -- Recebemos os seguintes documentos que estão custodiados pelo arquivo:

Sr. Curt Hennings

- Comunidade Evangélica de Indaial: estatutos, correspondências, recortes, atas, programas e panfletos.
- Eleições Políticas em Indaial:
Material de propaganda das eleições no período 1946 - 1960 (Protestos, panfletos, etc.).

Sra. Meta Fouquet e Filhos:

- Arquivo Particular de Karl Fouquet. Este acervo é constituído de 4 pastas com o seu diário, uma pasta de publicações diversas, uma pasta com recortes de jornais, uma pasta com artigos ref. Brasil/Portugal, uma pasta de correspondências, quatro pastas contendo poesias - fotos, diplomas.

Edoardo Vidossich:

- Doação de seu acervo particular com documentos diversos, recortes e publicações de sua autoria.

4. **PESQUISAS:**

Foram realizadas neste trimestre, 42 pesquisas. Os temas que

envolveram as mesmas estão relacionados aos aspectos históricos, sociais, econômicos, políticos, culturais e esportivos da região.

O acervo fotográfico composto de aproximadamente dez mil fotografias é constantemente utilizado pela imprensa escrita, televisada, e historiadores.

4.1 — Pesquisas de Instituições realizadas no Arquivo:

HELLMANN, Josefina

Instituição: FEPEVI - Itajaí - SC.

Pesquisa: Influência da Artex na Comunidade Escolar da Escola B. E. Prof. Izoete E. G. Müller.

Finalidade: Monografia.

4.2 — HERING, Maria Luiza Renaux

Instituição: FURB - Blumenau - SC.

Pesquisa: História de Blumenau na primeira metade do Século XX.

Finalidade: Projeto Artex - Publicação.

4.3 — HERING, Maria Luiza Renaux

Instituição: FURB - Blumenau - SC. (IPES)

Pesquisa: História (Social) de Blumenau na primeira metade do Século XX.

Finalidade: Publicação.

4.4 — TEIXEIRA, Vera Iten

Instituição: UFSC - Florianópolis - SC.

Pesquisa: Relações Raciais em Blumenau: Estudo de uma comunidade negra.

Finalidade: Tese de Mestrado.

5. DOAÇÕES:

5.1 — Edith Eimer - 3 volumes

5.2 — Edoardo Vidossich - 4 volumes sobre o negro e a Música.

5.3 — Frederico Killian - 15 fotografias de Blumenau Antiga.

5.4 — Curt Hennings - Revistas diversas (13)

6. EXPOSIÇÕES

Foram organizadas pelo Arquivo as seguintes exposições na Galeria do Museu da Família Colonial:

6.1 — "Imagens de Blumenau Antiga" - (fotografias)

6.2 — "O Calendário através dos tempos" (Constituída de calendários de várias épocas do início do século XX).

7. MICROFILMAGEM:

Foram preparados para microfilmagem 10 volumes de periódicos editados em língua alemã.

Kolonie, Haus und Hof (1911 a 1920)

Die Schnauze (1929-1936)

Die Gurke (1934-1935)

Der Hansabote (1904 a 1913)

8. CONVÊNIO:

Foi assinado entre a Fundação "Casa Dr. Blumenau" e o Progra-

ma Nacional de Microfilmagem de Periódicos Brasileiros - um convênio no valor de quinze mil cruzados para os serviços de Microfilme dos periódicos acima mencionados.

9. CURSO DE EXTENSÃO:

Durante o período de março a agosto do corrente ano a Professora Sueli Petry, responsável pela Supervisão Técnica do Arquivo, está participando do Curso de Especialização em Organização e Administração de Arquivos - CEARQ, realizado junto à Universidade Federal de Santa Catarina - Florianópolis.

Histórico da cidade de São Joaquim e os costumes de seu povo

Maria Batista Nercolini

4º. Capítulo

ECONOMIA

São Joaquim teve início econômico com a pecuária, sendo sua atividade principal até 1950 mais ou menos. Recordemos os fazendeiros da época representados por alguns nomes, todos cidadãos ilustres de bons conhecimentos gerais, representantes da poli-

tica de nosso Município. Lembremos Hercílio Vieira do Amaral, suas propriedades e divisões de terrenos muito organizadas e bem construídas.

Pelo seu espírito dinâmico, inteligente e empreendedor, sempre buscava o progresso; teve em sua FAZENDA POSTO, uma fábrica de Queijos "Vieira e Filhos", que comprava leite dos



Grupo de senhoritas sãojoaquinenses, na colheita da maçã. A 3ª da esquerda para a direita a poetisa ANGELITA CAMARGO GOULARTH.

fazendeiros vizinhos, nos idos 1927-28 mais ou menos. Esse leite era levado em latões de um material semelhante ao zinco (na forma de vasilhas atuais, que hoje são de plástico) e carregados em cargueiros. O produto da Fábrica, vendido serra abaixo, como é do conhecimento de todos, nas nossas famosas tropas de mulas, o animal valente, próprio para essas jornadas.

Sobre atividades como homem público descortinaremos no capítulo **Po-
lítica**. Como ele muitos outros fazendeiros tinham igual procedimento, 1940-1941. Na Fazenda de Manoel Dimas Pereira de Souza, havia conforto, luz, rádio, enorme tanque para criação de carpas, com pequena canoa que divertia a todos, principalmente o visitante.

Seus rebanhos já eram de ótima qualidade, com várias raças, que hoje continuam acompanhando o progresso do ramo e apresentando suas exposições periódicas com o primor de seus produtos.

Vivendo a sua tradição, o fazendeiro é sempre um cavalheiro, hospitaleiro, um forte, porque traz em seu sangue a força do viajador da Estrada dos Conventos, o tropeiro que a casco de mula construiu o caminho e conquistou suas paragens, que prazerosamente porém com fidalguia diz: **"ES-SA TERRA TEM DONO"**.

Nos anos 50 começou a indústria da madeira. Para isso foram abatidas grandes extensões de matas de pinhais verdejantes o nosso ouro verde. Isso que causou sérios prejuízos à hidrografia.

Veio também o completo abandono do serviço de reflorestamento, que não cuidou da derrubada indiscriminada e nem substituiu oportunamente.

Atualmente a maçã é a balança do comércio. A produção de 1987 50.000 toneladas, nas variedades, GALA, FUGI, GOLDEN E STARKRIMSON.

TURISMO

Sem dúvida será uma das fontes

de riqueza. A natureza oferece condições para serem exploradas; basta boa estrutura, criatividade, muito amor ao pago e temos a certeza que oferecemos um espetáculo de beleza ao turista.

Atualmente é tudo original, nativo, vales, montanhas, cascatas e cachoeiras.

HOTÉIS

Nossos primeiros hotéis ou pensões, foram como de qualquer cidade do interior, na sua época. Mas, com o desenvolvimento, tudo atingiu como a transformação da modesta e acolhedora Pensão Goulart, e outras anteriores, hoje Maristela, de propriedade do casal Coral. D.^a Eugenia, professora normalista, filha do Cônsul da Itália Remor, veio para São Joaquim em 1950. Começou suas atividades comerciais com uma bem montada e moderna Panificadora, pois as que haviam eram muito modestas. É um exemplo de trabalho. Seus filhos são nossos conterrâneos; lamentamos a perda do jovem Geraldo.

Hotel Nevada é de acordo com os padrões dos grandes centros. Necessitamos de mais e aguardamos o grande Hotel Fazenda, já programado.

BANCOS

Em 1928 foi criado o Banco de Crédito Popular e Agrícola de São Joaquim.

Seus fundadores: Gregório Pereira da Cruz, Felício e Lopes Pinto de Aruda, e outros.

Só foi extinto em 3 de setembro de 1942, quando encampado pelo Banco Indústria e Comércio de Santa Catarina S/A (INCO), fundado em 23.02.1935 na Cidade de Itajaí SC e instalado uma Agência em São Joaquim em 26.01.1942, da qual tive a satisfação de ser a primeira funcionária em 1944.

Hoje São Joaquim possui: Caixa Econômica Federal, Banco do Brasil e outros Bancos particulares.

CIA. HERING O pioneirismo da indústria têxtil Blumenauense e a marca dos dois peixinhos, estão integrados na própria história da colonização de Blumenau e o conceito que desfruta no mundo todo é fruto de trabalho e perseverança em busca do aprimoramento de qualidade.

Apresentamos balanço geral do Banco em 31.12.1929.

Em seguida a Ata que tratou de encampar o Banco em alusão.

Balanço Geral em 31 de dezembro de 1929

| ACTIVO | PASSIVO |
|---------------------------|----------------------------|
| Accionistas | Capital |
| Letras Descontadas | Fundo de Reserva |
| Efeitos a Receber | Depositos |
| Caixa, (Em cofre e nos | C/Corrente a Disposição . |
| Bancos) | C/Corrente Sem Juros ... |
| Móveis e Utensílios | C/Corrente a Prazo Fixo . |
| | C/Corrente a Aviso Prévio |
| | C/Corrente Cobrança |
| | C/Corrente de Correspon- |
| | dentes |
| | Obras de Acção Social |
| | Lucro Líquido verificado . |
| 171:401\$680 | 90:300\$000 |
| | 1:435\$000 |
| | 1:275\$700 |
| | 7:640\$000 |
| | 48:779\$830 |
| | 16:562\$000 |
| | 155\$000 |
| | 561\$000 |
| | 247\$000 |
| | 4:445\$250 |
| | 171:401\$680 |

Demonstração da conta

"Lucros e Perdas"

| DÉBITO (Despeza) | CRÉDITO (Receita) |
|-----------------------------|--|
| Premios de Deposito | Juros e Descontos |
| Ordenados e Gratificações . | Commissões |
| Despezas Geraes | |
| C/de telegramma e Sellos .. | 7.109\$480 |
| Fundo de Reserva | São Joaquim, 31 de dezembro de 1929 |
| Obras de Acção Social | Boanerges Pereira de Medeiros, Dire- |
| Lucro Líquido | tor-Presidente |
| | Hercilio Vieira do Amaral, Diretor-Se- |
| | cretário |
| | Gregorio Cruz, Diretor-Superintendente |
| 7:109\$480 | |

Ata da Assembléa Geral Extraordinária para se tratar de assumptos de acôrdo com os artigos 27, 29 e 43 letra D dos Estatutos do Banco de Credito Popular e Agrícola de São Joaquim.

Aos vinte e oito dias do mez de Setembro de mil novecentos e quarenta e um, nesta cidade de São Joaquim, na séde social, às 13 horas, presentes os Snrs. acionista, Gregorio Pereira da Cruz, Diretor Superintendente, no exercicio do cargo de Diretor Presidente, por si e como representante dos Snrs. Aparicio Mattos, Hilario Thomaz de Souza, Manoel Pinto de Arruda, Thassillo Neves Bleyer, Gasparino Dutra, Sebastião Couto de Figuerêdo, Antonio Pereira Sobrinho e Ouidio Pereira Machado; Gervasio Pereira do Amaral, Adalberto Vieira do Amaral, Jayme Vieira do Amaral e Antonio Vieira do Amaral, representados pelo Sr. Hercilio Vieira do Amaral; Francelizio Pinto de Arru-

da representado pelo Sr. Hernes Pinto de Arruda; Marcos Fontanella por si e como representante das Stas. Leticia Fontanella e Rosalia Fontanella; Manoel Rodrigues Pereira Netto, Serafim Joaquim Nunes, Francisco Thomaz de Souza, José Vieira da Rosa, João da Silva Nunes, Antonio Thomaz de Souza, João Fontanella Netto, Thomaz Costa; João Albino por si e como representante do Sr. Lourival Pereira do Amaral; Thigo Ficravanti de Mattos; e os Srs. Joaquim Ezirio, Crispimiano Rosa, Vitorino Rodrigues Machado e Francisco Pereira de Souza representados por seu procurador Gregorio Pereira da Cruz; cujos acionistas presentes e representados cobrem mais de dois terços do capital existente por suas respectivas ações subscriptas. Declarada aberta sessão pelo Sr. Presidente foi exposto o motivo da presente Assembléa Geral Extraordinaria a qual achando-se em condições de votar deliberativamen-

te e não estando presente o Sr. Diretor Secretario Aparicio Mattos em que se acha em viagem, o Sr. Presidente convidou a mim Waldomiro Pereira da Cruz, para secretariar a presente reunião, determinando que por mim secretario fosse procedido a leitura da correspondencia cruzada entre este Banco de Credito Popular e Agricola de Agricola de São Joaquim e o Banco Industria e Comercio de Santa Catarina referentemente a encampação de nosso Banco de Credito Popular e Agricola de São Joaquim pelo Banco Industria e Comercio de Santa Catarina, nos termos contidos na carta deste Banco, em primeiro de Setembro corrente. Finda a leitura foram pelo Sr. Presidente submetidas a discussão para os fins de votação as condições de encampação feitas pelo Banco Industria e Comercio de Santa Catarina. Terminada a discussão e conhecida a atual situação deste Banco de Credito Popular e Agricola, foram aquelas condições do pretendido encampamento submetidas à votação que concluiu por unanimidade de votos aceitar aquelas condições e autorizar a atual Diretoria tornar efetiva a negociada encampação, ressalvados os fundos de reservas e obras de ação social, o primeiro destinado ao dividendo proporcional entre os respectivos acionistas, e o segundo destinado a construção de

duas pequenas casas a pessoas pobres, que, construidas, serão confiadas ao zelo e administração da Sociedade de São Vicente de Paulo, desta cidade. Nada mais havendo a tratar, o Sr. Diretor Presidente, encerrou a presente sessão, do que para constar lavrou-se a presente ata, por mim Waldomiro Pereira da Cruz, secretario ad-hac que a escrevi e assino.

Gregorio Pereira da Cruz - Presidente
João Fontanella Netto - Fiscal
José Vieira da Rosa - Fiscal
Thomaz Costa - Fiscal
Hercilio Vieira do Amaral
Marcos Fontanella
Thiago Fioravanti de Mattos
Manoel Rodrigues Pereira Netto
Antonio Thomaz de Souza
Serafim Joaquim Nunes
João da Silva Nunes
Hermes Pinto de Arruda
Francisco Thomaz de Souza
João Albino
Waldomiro Pereira da Cruz
Está conforme.

Waldomiro Pereira da Cruz
Visto

Registrado hoje sob n.º 12, Livro A, à fls. 43 a 44 do livro de Pessoas Juridicas.

São Joaquim, 3 de setembro de 1942.

Cicero Pereira
Oficial do Registro Especial



Uma paisagem no interior do município.

RECUERDOS DO SOBRADO

Angelita Camargo Goularth

Sim, é hoje...
É hoje, que sinto o cheiro de velas,
O ruído de lampiões,
O rangido da velha cadeira de balanço...

É quando o minuano sopra forte,
Que brota no sangue,
A herança deixada por bravos guerreiros,
É impossível conter-me!

Vejo a velha Bibiana,
Querendo reviver o passado,
Conversando com fantasmas...

Ouço tiros de armas brancas e coloradas,
São farrapos e maragatos,
Peleando pelo Rio Grande,
Enquanto isso,
O sino da velha igreja,
Toca, toca, toca...

As vidraças do sobrado tremem.
Quanta saudade do Angico!

A sede corrói homens,
E o cheiro,
Apodera-se aos poucos
De cada aposento.

Mais um morre,
Outro chega ferido...

Meu Deus, quando tudo terá fim?

Não sei!

De repente,
Cessa o barulho...
No pesado silêncio,
Na angustiante espera!!!
Quanto demorará o próximo ataque?

Adormeço, sonhando com a velha Bibiana...
Falando com fantasmas,
Embalando-se na velha cadeira,
Que parece acompanhar,
O canto triste,
Vindo do quarto ao lado,
De "Dorme Nenê"...

Homenagem póstuma ao Dr. Fritz Mueller

(Continuação)

O jornal "Blumenauer-Zeitung" em sua edição do mês de maio de 1897 publicou a seguinte nota sobre o falecimento e a vida do Dr. Fritz Mueller, traduzida para o vernáculo por seu bisneto Dr. Richard Paul Neto

DR. FRITZ MÜLLER

Na semana passada baixou ao túmulo um homem altamente conceituado. No dia 21 de maio, às 10 horas da manhã, nosso concidadão Dr. Fritz Müller fechou os olhos para sempre e foi sepultado no dia seguinte no cemitério evangélico desta cidade. Face à sua modéstia e simplicidade a maior parte da população local não lhe dava maior atenção, mas a contribuição abundante e profícua que sua arguta capacidade de observação propiciou às ciências fez com que o finado ocupasse um dos lugares mais proeminentes entre os pesquisadores da atualidade. Era um personagem raramente visto em sociedade, fora dos círculos de amigos que se interessavam por suas idéias e pesquisas. Mantinha-se afastado da vida política pública e só por duas vezes tentou interferir nas polêmicas da imprensa local, a primeira vez em relação à comissão Antunes, que tratou da questão dos caminhos após as enchentes de 1880, e depois por ocasião da proclamação da República, quando defendeu a posição monárquica. Nesta última oportunidade não soube dar o devido valor às idéias que levaram a população colonial local a dar seu apoio decidido ao movimento. Contudo, quando o embate das opiniões se tornava acalorado demais, não costumava prosseguir nas discussões sobre assuntos que estavam na ordem do dia.

Como ultimamente tivesse ficado sem apoio no lar, resolveu desfazer-se de sua casa e ir morar com sua filha, a Senhora Brockes. Sem dúvida o afastamento do lar querido e a impossibilidade de dedicar-se às ocupações habituais, para as quais o novo lar não lhe podia proporcionar as mesmas oportunidades, abalaram-lhe o ânimo e lançaram a semente da morte em seu corpo vigoroso e enrijecido.

O Dr. Fritz Müller nasceu em Windischholzhausen, perto de Erfurt, no dia 31 de março de 1821.

Descanse em paz.

Seu amigo, Senhor Paul Schwarzer, proferiu um necrológio condigno na beira do túmulo. Os sócios da Sociedade de Cantores Germânia homenagearam-no por meio do canto fúnebre. Em complemento a este artigo transcrevemos o citado necrológio.

Encontramo-nos hoje à beira dum túmulo em que teve seu re-

| | |
|-------------|--|
| MAJU | Pela alta qualidade das confecções em malhas que produz, tornou-se uma empresa de vanguarda nas exportações e no mercado brasileiro, e orgulho da indústria têxtil blumenauense. |
|-------------|--|

mate uma vida tão rica em trabalho, em sucesso, em honra e fama, como raríssimas vezes terá sido concedida a qualquer mortal.

A notícia consternadora do passamento do amigo tão reverenciado corre hoje por todas as partes habitadas da Terra, até onde chega a fâsca elétrica, pois seu nome é conhecido em todos os lugares em que viceja a ciência, onde quer que exista um representante da mesma.

Quanta gente, meus caros ouvintes, nos inveja pela felicidade de por tantos anos termos tido em nosso meio um homem no qual tudo era digno de admiração, a começar pelos conhecimentos extensos e pelo êxito notável de suas pesquisas, que o habilitaram a transformar-se no colaborador e conselheiro das maiores sumidades da ciência. Mas, o que sem dúvida o torna mais digno de admiração foi sua infinita modéstia, que não lhe permitiu tornar conhecidos seus sucessos a fim de colher a fama bem merecida. Só mesmo homens como Agassiz, Darwin e outros deixaram claro em suas obras quanto devem à colaboração do Dr. Fritz Müller, que através de suas pesquisas, por exemplo, já havia elaborado parte das teorias de Darwin, antes que este mesmo tivesse fixado seus contornos. Foi principalmente o reconhecimento e a gratidão de Darwin, manifestadas com toda a franqueza e lealdade em suas obras, que na época constituíram um acontecimento de repercussão mundial, que fizeram com que de repente todo o mundo científico tivesse suas atenções despertadas para um homem que juntamente com seu irmão, Senhor August Müller, se fixou aqui, em 1852, no início da colonização, para escapar às perseguições políticas que na pátria alemã atingiam todos aqueles que já então se entusiasmaram por uma Alemanha grande e unida.

Nosso finado amigo obteve o grau de doutor em 1844, na Universidade de Berlim.

Depois duma permanência de dois anos em nossa colônia, então recém-fundada, mudou-se para Desterro, juntamente com a esposa, que já o precedeu na morte, e lá exerceu durante cerca de doze anos as funções de professor nos estabelecimentos de ensino mais graduados. Nesses anos gastava quase todas as horas livres em observar, na mata ou à beira-mar, a atuação maravilhosa da natureza e de seus entes e em investigar a origem da evolução dos mesmos.

No ano de 1876 foi nomeado para o cargo de naturalista viajante do Museu do Rio de Janeiro para o qual trabalhou por muitos anos. Nesse estabelecimento estão guardados até hoje os frutos de sua longa atividade, à espera talvez duma mão predestinada, capaz de colher os tesouros científicos ali escondidos e dar-lhes o merecido valor.

A pátria adotiva não lhe dedicou a gratidão a que fazia jus pela ação meritória, mas esta gratidão lhe foi dispensada pela pátria de origem.

Já no ano de 1868 obteve uma honraria que só costuma ser dispensada às maiores sumidades do mundo das ciências ou a pessoas beneméritas de elevada categoria. A Universidade de Bonn concedeu-lhe, juntamente com o príncipe-herdeiro da Prússia, que posterior-

mente viria a ser o Imperador Frederico III, e o célebre médico e cientista Pasteur, o título de doutor honoris causa.

A Universidade de Tübingen e a Academia Leopoldino-Carolin-gia enviaram-lhe diplomas de doutor honoris causa, e por ocasião do seu jubileu dos cinqüenta anos a Universidade de Berlim o nomeou doutor honoris causa em filosofia e artes liberais.

Foi nomeado membro honorário da Sociedade Botânica da Pro-víncia de Brandemburgo e da Sociedade de Ciências Naturais de Ham-burgo-Altona, e sócio-correspondente da Sociedade de Pesquisas Na-turais de Senckenberg e da Academia de Ciências da Argentina.

Muitas foram as honras e dignidades derramadas sobre ele, mas até mesmo seus amigos mais chegados mal tiveram conhecimen-to disso, pois sua modéstia infinita não permitiu que tais distinções se tornassem conhecidas.

No seu septuagésimo aniversário, transcorrido no dia 31 de mar-ço, há cinco anos, teve uma grande alegria.

Em Berlim foi constituído um comitê formado pelas maiores sumidades da ciência, que doaram um gigantesco álbum artisticamen-te trabalhado, para o qual os sábios e pesquisadores de quase todos os países do mundo enviaram suas fotografias. Essa distinção, imbuída dum sentimento profundo e acompanhado de muitas outras felici-tações, contribuiu bastante para embelezar os últimos anos de sua vida.

Assim acabamos de apresentar diante dos olhos do espírito o amigo tão estimado, cujo corpo acaba de baixar ao túmulo. Mas o mesmo continuará a viver na memória de todos, da mesma forma que tantas vezes o vimos, nas singelas vestes de trabalho do colono, de pés descalços e segurando um bastão, tal qual foi perpetuado há alguns anos pela revista GARTENLAUBE — a imagem da maior simplicida-de e modéstia imagináveis, aliada à nobreza principesca do espírito.

Já agora, depois duma longa e laboriosa vida de setenta e cin-co anos, havemos de reconhecer-lhe o direito ao repouso tão mereci-
do.

Durma em paz, querido amigo, que a imortalidade é sua.

Os Gonçalves Padilha e sua importância no povoamento catarinense

Antônio R. Nascimento

Lages, S. Joaquim, Caçador, Cam-pos Novos e S. Francisco do Sul muito devem a essa família paranaense - os Gonçalves Padilha -, uma vez que membros de seu clã povoaram o terri-tório de Santa Catarina, em diversos lugares e em diferentes épocas (v. nosso artigo em A Notícia, ed. de 20.04.83).

No relativo a Lages, um Antônio

Gonçalves Padilha, no longínquo ano de 1766, muito antes da fundação da vila, portanto, possuía uma fazenda onde moravam cinco pessoas, confor-me documento que vimos nos autos da Ação Originária n.º 7, que o Esta-do de Santa Catarina moveu contra o do Paraná (cópia no Museu Histórico "Antônio Granemann de Sousa", em Curitiba). Com toda certeza, foi es-

se Antônio Gonçalves Padilha o primeiro da família a iniciar o povoamento de Santa Catarina. Segundo Francisco Negrão, entretanto (Genealogia Paranaense, vol. III, pág. 575), dois homônimos viviam por essa época (1766): o primeiro, batizado aos 31.10.1726, casado com Mariana Franco de Oliveira, pai de Benedito (falecido com 8 dias em 1785) e de Ignácio (casado em 1805 com Brígida Maria de Castilho, viúva de Domingos Fagundes dos Reis); e o segundo, nascido em 1755 (casado, mas o autor não informa com quem). O primeiro era filho do genearca da família, Domingos Gonçalves Padilha, e o segundo, neto, filho de Felipe Gonçalves Padilha e de Ignácia Ribeiro de Gusmão. É possível que ambos tenham vindo para Santa Catarina, pois Francisco Negrão não conseguiu esmiuçar a descendência deles, a exemplo do que fez com os demais membros da família. Faltam-nos, outrossim, pesquisas genealógicas que identifiquem o Antônio Gonçalves Padilha de Lages (SC), fazendeiro em 1766.

Outro de mesmo nome, Antônio Gonçalves Padilha, surge em São Joaquim, mais de um século depois (1873), como procurador eleito dentre os primeiros joaquinenses (Maria Batista Nercolini, *Histórico da Cidade de S. Joaquim, Blumenau em Cadernos, Tomo XXVII, n.º 4, pág. 98*). Certamente, descendia daquele pioneiro de Lages.

Pouco depois, em 1891, foi a vez de Caçador, onde os irmãos Manoel e Thomaz Gonçalves Padilha, filhos de José Gonçalves Padilha e de Francisca Maria Padilha, moradores na Fazenda Faxinal dos Padilha, em Campos Novos (SC), estabeleceram-se na Serra da Taquara Verde (Nilson Thomê, *Família Correia de Mello, Raízes da História de Caçador, 1.ª ed., 1982*). Manoel Gonçalves Padilha casou-se com Edwíges Correa Gonçalves, filha

de Francisco Correa de Mello e de Felicidade Maria Gonçalves, sendo neta paterna de Joaquim Correa de Mello e de Maria Rodrigues do Espírito Santo. Eram, provavelmente, parentes, pois sua mulher também residia no Faxinal dos Padilha (ob. cit., pág. 15). Thomaz Gonçalves Padilha casou-se com Bernardina Correa Gonçalves, filha de Manoel Correa de Mello, tio do referido Francisco Correa de Mello, e de Ana Maria Gonçalves. Manoel teve nove filhos e Thomaz, sete, o que bem demonstra a importância que esses Gonçalves Padilha tiveram no povoamento de Santa Catarina (ob. cit., pág. 30). Ao que supomos, Manoel e Thomaz descendiam de um Gonçalves Padilha de Campos Novos (SC), que, à sua vez, descendia do lagoano pioneiro. Todavia, como veremos adiante, é possível que descendessem de outros membros da mesma família cuja atividade principal era o tropeirismo e, por isso, faziam constantes incursões ao sul do Brasil, onde buscavam o gado para a famosa Feira de Sorocaba.

Muito antes disso, ou por volta de 1795, São Francisco do Sul, a primeira póvoa catarinense, recebeu também o contributo desses intrépidos Gonçalves Padilha, quando uma filha de Manoel Gonçalves Padilha e de Maria Machado de Siqueira, naturais da então "São José da Curitiba", como a nomeou o vigário franciscuense (livro n.º 5 de batismos), hoje São José dos Pinhais (PR), casou-se com Antônio Gonçalves Rodrigues, filho de Manoel Gonçalves Rodrigues e de sua mulher Maria Manuel Cardoso, de cujo consórcio nasceram os filhos Delfina, Francisca e Joaquim Gonçalves Padilha. Delfina casou-se com Joaquim Simões, também natural de "São José da Curitiba", filho de Felisberto Simões e de Maria Teixeira, tendo os filhos Carolina, batizada aos 13.3.1831 (livro n.º 8 de batismos), Antônio, ba-

tizado aos 19.3.1832 ("idem", a avó paterna figura como Maria Felícia Teixeira) e Manoel, obituário de 16.9.1826 (de tosse comprida, livro n.º 2 de óbitos). É possível que tenham migrado para outro local, pois a descendência de Joaquim Simões e de Delfina Padilha não teve continuidade em S. Francisco do Sul. Francisca Padilha casou-se com Francisco Moreira, filho de Antônio Gonçalves Moreira e de Leonarda da Veiga, neto paterno de Francisco Gonçalves Moreira e de Rita de Chaves, e materno de João da Veiga Coutinho e de Joana Arbona, naturais da então Vila de S. Luiz da Guaratuba, tendo deixado os filhos: Florinda, batizada aos 26.7.1833 (livro n.º 8) e Antônio, batizado em 1.º.7.1838 (livro n.º 9 de batismos). João da Veiga Coutinho era filho de Domingos da Veiga e de Maria Dias, enquanto que Joana Arbona era filha de Bartolomeu Arbona e de Josefa Rodrigues, presumivelmente franciscuenses que foram para Guaratuba quando de sua fundação (veja-se a antiguidade!) Joaquim Gonçalves Padilha casou-se com Antônia Maria dos Santos, filha de Antônio Manoel e de Sebastiana Lemos, deixando os seguintes filhos franciscuenses: Manoel (batizado aos 04.9.1830), Maria (13.2.1833), Bento (11.6.1835) e Ana (21.2.1838). Além dos referidos, Francisca Padilha, a filha de Manoel Gonçalves Padilha, deixou o neto Antônio José Padilha, filho de José Rabello e de Ana Maria de Jesus (nascida em 1802), que se casou, aos 13.12.1862, com Ana Luísa do Nascimento, filha de José Luiz da Costa e de Ana Maria de Jesus (livro n.º 7 de casamentos).

Como se vê, os Gonçalves Padilha deitaram raízes em solo franciscuense, auxiliando também no povoamento do litoral catarinense. Interessante notar que o patronímico perpetuou-se "a mãe", ao revés do costume da varonia do sistema luso-brasileiro. Ao que su-

pomos, o genitor de Francisca, Manoel Gonçalves Padilha, é o terceiro filho de Felipe Gonçalves Padilha, falecido em Curitiba, aos 02.10.1793, com 56 anos de idade, e que teve por progenitor Domingos Gonçalves Padilha, o genearca, uma vez que Francisco Negrão omite sua descendência.

Walter F. Piazza, em "A Frente Pioneira do Séc. XX" (Blumenau em Cadernos, Tomo XIV, n.º 9, pág. 169), refere-se a Thomas Padilha e a João Vicente Padilha como o sexto e o sétimo ocupantes das terras que passaram a integrar o território de Santa Catarina, após o acordo de limites com o Paraná ("ao norte da gleba Rio Preto" e "ao sul da anterior, semi-enclavada na gleba RIO PADILHA-PRÉTO, da EFSPRG", respectivamente).

A genealogia dos Gonçalves Padilha, portanto, transcende o simples estudo linhagista, sendo, por isso mesmo, parte integrante da História de Santa Catarina. Afinal de contas, tem-se, desde 1766, a notícia dessa família em terras catarinenses. Há mais de dois séculos, pois, ocuparam e povoaram o nosso território.

A origem dessa família parece remontar ao Capitão-mor João Rodrigues de França, que "teve com Maria da Conceição, talvez de união ilícita", segundo observa Negrão, três filhas: Custódia, Paula e Ana Rodrigues de França (capítulos 10, 11 e 12 da obra cit.). Ana foi casada com o Capitão Antônio Luiz Tigre, que Ermelino de Leão identifica com o Capitão Antônio Luiz Lamin, "o Tigre" por alcunha, natural de Parnaíba, filho de Antônio da Motta Maris e de Maria de Piña, neto paterno de Matheus Luiz Grou e de Isabel de Piña (1-7, Cap. 3.º, § 7.º, pág. 21 do vol. I da Genealogia Paulistana). Faleceu aos 30.12.1738, com 90 anos de idade, não deixando filhos de seu casamento com Ana Rodrigues de França, mas adotando suas sobrinhas, filhas de Paula

Rodrigues de França (ob. cit., pág. 574) e de Manoel Gonçalves de Siqueira, natural da Ilha de S. Sebastião e falecido em Curitiba aos 11.9.1729.

O genearca da família, Domingos Gonçalves Padilha, foi o primeiro dos filhos de Manoel Gonçalves de Siqueira e de Paula Rodrigues de França e o único a adotar o apelido de família Gonçalves Padilha. Casou-se em Curitiba com Ana de Mello Coutinho, filha de Francisco de Mello Coutinho, natural de S. Paulo, e de sua mulher Isabel Luiz Tigre. Faleceu em Curitiba, aos 23.8.1747, com 50 anos de idade, deixando, além da prole legítima, o filho Estêvão, que tinha então 28 anos de idade. Sua mulher, Ana de Mello Coutinho, natural de Paranaguá, faleceu aos 09.4.1777, também com testamento. Aos 24.1.1726, o Capitão Antônio Luiz Tigre doou à sua sobrinha Ana de Melo Coutinho "uma sesmaria de meia légua de terras no Rio Verde e umas moradas de casas em Curitiba, como dote de casamento, por estar em trato com Domingos Padilha" (F. Negrão, ob. cit., pág. 575, vol. III). Isabel Luiz Tigre, viúva de Francisco Motta ou de Mello Coutinho, também doou, aos 28.12.1731, "750 braças de terras no Barigui" a seu genro Domingos Gonçalves Padilha, o que nos leva ao casamento entre ambas as datas.

Domingos Gonçalves Padilha, o genearca, teve os seguintes filhos: Antônio Gonçalves Padilha, casado com Mariana Franco de Oliveira; Ângelo Gonçalves Padilha, casado com Ana Joaquina no Nascimento; Leocádia Gonçalves Coutinho, casada com Manoel Gonçalves dos Reis; Maria Penha de França, casada com Salvador Martins de Siqueira; Felipe Gonçalves Padilha, casado com Ignácia Ribeiro de Gusmão; Vitória Rodrigues de França, casada com Francisco Rodrigues Coura; e Joana Gonçalves Coutinho, casada com João Fagundes dos Reis.

A História de Santa Catarina interessa, particularmente, Manoel Gonçalves Padilha, filho de Ângelo Gonçalves Padilha, batizado na Capela de Tamanduá, os 28.8.1775, e casado com Josefa de Oliveira Pinto, pois "negociava no sul"; João Gonçalves Padilha, seu irmão, que também "negociava para o sul e aparece na Revolução Farroupilha, como Coronel Comandante das forças curitibanas em Cruz Alta"; José Maria Padilha, irmão do precedente, um dos proprietários da Fazenda dos Carlos, casado com Josefa Alves de Bastos Coimbra, em S. José dos Pinhais, porquanto "negociava para o sul com tropas e boiadas" e foi pai de 10 filhos, dentre os quais Zeferina Maria, casada com José Pinto Ribas, que deixou grande descendência em Cruz Alta (RS), Alferes Francisco Gonçalves Padilha e o Tenete-Coronel Nicolau Gonçalves Padilha; Jeremias José Gonçalves Padilha, filho de Ângelo Gonçalves Padilha, que também "negociava para o sul", Antônio Gonçalves Padilha, filho de Felipe Gonçalves Padilha, nascido em 1755 e que pode ter sido um dos primeiros moradores de Lages (SC); e finalmente, Manoel Gonçalves Padilha, terceiro filho de Felipe e neto do genearca, casado em S. José com Maria Machado de Siqueira, cuja filha Francisca foi para São Francisco do Sul e deixou numerosa prole, consolidando o povoamento naqueles áspersos tempos.

É difícil reconstituir os passos dessa família em Santa Catarina, mas, de qualquer forma, não há como negar sua importância no povoamento de nosso território.

Desse modo, Lages, Campos Novos, São Joaquim, Caçador e São Francisco do Sul, hoje importantes cidades catarinenses, muito devem aos anônimos heróis dessa família, que, sem cometerem façanhas bombásticas, consolidaram o primitivo povoamento de Santa Catarina.

Fundação "Casa Dr. Blumenau" no Cadastro do Ministério da Cultura

Assinado pelo Secretário Geral do Ministério da Cultura, recebemos, dia 25 do corrente mês de junho o documento definitivo que credencia oficialmente a Fundação "Casa Dr. Blumenau" a receber toda espécie de donativos para atender aos projetos de desenvolvimento de seus vários setores, como: Biblioteca "Dr. Fritz Müller", Museu da Família Colonial, Arquivo Histórico "Prof. J. F. da Silva, Parque Botânico "Edith Gaertner" e Oficinas Gráficas que imprimem esta revista.

Do certificado ora recebido, diz: "Certificamos que a Fundação "Casa Dr. Blumenau", entidade sem fins lucrativos, está inscrita no CPC — Cadastro Nacional e Pessoas Jurídicas de natureza cultural, sob o nr. 42.00221/87-50, podendo receber patrocínio e doação instituídos pela Lei 7.505, de 02 de julho de 1986".

Nestas condições, ampliam-se as vantagens que esta Fundação já oferecia a todos os que, nos últimos anos, vêm dando sua colaboração para o crescimento do trabalho desta instituição que sempre visou incentivar as ações culturais sob todos os aspectos em favor da comunidade blumenauense.

Hoje nós estamos empenhados na obtenção de donativos para erguer uma casa de alvenaria para abrigar nossas oficinas gráficas. Já estamos de posse de algumas adesões, esperando que outras empresas, empresários e cidadãos blumenauenses venham, com seus donativos, ao encontro dessas aspirações.

LOJAS HERING S.A. Representa não só o espírito empreendedor como também solicitude, educação e sociabilidade de que caracterizam tão bem a tradicional formação da gente blumenauense.

FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal Nº. 1835, de 7 de abril de 1972

Declarada de Utilidade Pública pela Lei Municipal nº. 2028 de 4/9/74

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425

89100 B L U M E N A U

Santa Catarina

Instituição de fins exclusivamente culturais

São objetivos da Fundação:

Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;

Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;

Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;

Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;

Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;

Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;

A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

A Fundação "Casa Dr. Blumenau", mantém:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"

Arquivo Histórico — Museu da Família Colonial

Horto Florestal "Edite Gaertner"

Edita a revista "BLUMENAU EM CADERNOS"

Tipografia e Encadernação

Conselho Curador Presidente — *Afonso Rabe*; vice-presidente — *Antonio Pedro Nunes*.

Membros: *Elimar Baumgarten* — *Rolf Ehlke* — *Nestor Seára Heusi* — *Ingo Wolfgang Hering* — *Martinho Bruning* — *Urda Alice Klueger* — *Frederico Blaul* — *Frederico Kilian* — *Olivo Pedron*.

Diretor Executivo: *José Gonçalves*

MUITA GENTE QUE FEZ A HISTÓRIA COLONIZADORA EM NOSSA REGIÃO, JÁ VESTIA A MACIEZ DAS CAMISETAS E ARTIGOS HERING.

QUANDO SE FALA NA HISTÓRIA DE NOSSOS PIONEIROS, LEMBRA-SE DOS IRMÃOS HERING, QUE HÁ MAIS DE CEM ANOS INSTALARAM A PRIMEIRA INDÚSTRIA TÊXTIL EM BLUMENAU.

HOJE "BLUMENAU EM CADERNOS" E A HERING TÊM MUITO EM COMUM. ACREDITAMOS NA NOSSA TERRA E NOS VALORES DA NOSSA GENTE.



Cia. Hering
BLUMENAU - SANTA CATARINA